

Brasili^{8 con. Brasil}anista prevê novo choque e autoritarismo

ANABELA REBELATO

O Brasil deve se preparar para um novo choque econômico a partir de 15 de setembro, quando começa a liberação de cruzados em grande volume, o que inevitavelmente levará a nova escalada inflacionária. A previsão é do brasileiro Thomas Skidmore, diretor do Centro de Estudos sobre a América Latina da Brown University (EUA) e autor de dois best sellers sobre a história política do Brasil contemporâneo, *De Getúlio a Castello* e *De Castello a Tancredo*.

"Temo que, dentro de seis meses a um ano, o presidente Collor se veja na contingência de pedir poderes emergenciais ao Congresso Nacional para combater a inflação, e acabe estabelecendo um governo autoritário de fato", acrescentou. "Isso se a inflação não for contida e não mudar o estado de desânimo do povo, que está perdendo a confiança no Legislativo pelas denúncias de corrupção e tráfico de drogas envolvendo deputados."

Na opinião de Skidmore, a rota do autoritarismo vem sendo delineada por Collor — "um político populista e não democrático" — desde que apoiou os ministros militares contra o Congresso no episódio da rejeição do aumento salarial do funcionalismo federal. Ganhou cores fortes com o desafio ao FMI, que classificou de "sinal de imaturidade"

e "manobra diversionista perigosa", por ter reacendido sentimentos nacionalistas e estimulado a oposição interna ao acordo com o Fundo. "Não me parece que o apoio do PC do B seja de grande valia para o governo", ironizou.

"Vim ao Brasil esta vez buscar boas notícias, mas está difícil", disse Skidmore, cuja passagem anterior pelo País ocorreu em janeiro. A seu ver, "a situação tende a piorar ainda mais: o Brasil não fez os ajustes necessários, a política econômica de estabilização da ex-ministra Zélia falhou e a receita de recessão com inflação teve efeitos desastrosos para o País".

"O Brasil é hoje o maior exportador de capitais do mundo", constatou. "O pior é que não estão saindo apenas capitais privados, mas fundos públicos." De acordo com Skidmore, "do total da dívida externa, 80% é dívida pública". A única saída que o brasileiro vislumbra para a crise é a adoção de medidas ortodoxas duras, drásticas (enxugamento da máquina estatal, privatização das empresas estatais e extinção dos oligopólios para que se estabeleça de fato a livre concorrência), para se estabilizar a economia. "Mas só um governo reacionário pode impor essas medidas", ressaltou. "Na democracia é difícil e Collor já gastou todo seu capital de popularidade sem baixar a inflação."



Itamar Miranda/AE

Skidmore: "Collor esgotou popularidade sem baixar inflação"